



notícias magazine

O CANTOR DA LUZ

O galo é o símbolo da energia solar, do início da primavera, da luz que vence as trevas, da iluminação da alma. Símbolo da coragem e da vigilância, guardião dos templos e dos lares, representa a luz e a energia. Curiosamente o galo (de Barcelos) tornou-se também o símbolo de Portugal, a Lus[itânia]...

O galo é um animal de grande simbolismo em diversas culturas e religiões – e está também relacionado com a Páscoa católica e com a negação que o apóstolo Pedro fez por três vezes da sua amizade com Jesus quando este foi preso para ser morto na cruz. O galo é assim um emblema de Cristo, tal como a águia e o cordeiro, de acordo com o *Dicionário dos Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (Teorema, 1994). No *Livro de Job* (39,36) o galo é o símbolo da inteligência vinda de Deus que «deu ao íbis a sabedoria de Javé e ao galo a inteligência». Às duas aves foram concedidos dons de previsão: o íbis anuncia as cheias do Nilo, o galo o nascer do dia – o que faz dele também um messias, que anuncia o dia que se sucede à noite, a luz depois da escuridão.

Podemos ver representações de galos nos cataventos das igrejas e nas torres das catedrais – pensa-se que esta posição no cimo dos templos significa a supremacia do espiritual na vida humana, a origem divina da iluminação que nos salva, a vigilância da alma atenta para perceber nas trevas da noite que termina as primeiras claridades do espírito que se eleva. O *Dicionário dos Símbolos* considera que a posição dos galos nos campanários se deve à identificação desta ave como sol – o galo é universalmente um símbolo solar porque o seu canto anuncia o nascer do dia. Na Índia é o atributo de Skanda, que personifica a energia solar. No Japão é venerado porque o seu canto, associado aos deuses, fez Amaterasu, deusa do sol, sair da caverna onde se escondia – corresponde assim à manifestação da luz. Por anunciar o nascer do dia, o galo é simbolicamente considerado um «amuleto» contra as más influências da noite – afasta-as das casas se se tiver o cuidado de colocar a sua efigie sobre a porta. No Vietname a pata de galo cozida é uma representação do microcosmos e serve para adivinhação. No Islão o canto do galo anuncia a presença do anjo e apela à oração. O Profeta dizia «O galo branco é meu amigo; é inimigo do inimigo de Deus.» Como símbolo maçónico, o galo é ao mesmo tempo sinal da vigilância e do advento da luz. Corresponde ao mercúrio alquímico.

A PASSAGEM

O mistério da fé que o mundo católico celebra na época pascal dá-nos um bom pretexto para nos repensarmos interiormente. No meio da azafama das miniférias que a Páscoa nos proporciona ou por entre as reuniões familiares que ainda são tradição em muitas casas, mesmo quem não quer para nada saber da ressurreição de Cristo pode ser «tocado» pelo que a Páscoa representa – e não só para os católicos. Aliás, esta «passagem» revestida de renovação já se celebrava muito anteriormente à paixão de Jesus: os católicos comemoram a passagem da morte para vida, os judeus a passagem da escravidão para a liberdade e os povos antigos assinalavam nesta altura (equinócio da Primavera) a passagem da escuridão para a luz, do renascimento na natureza – que, aliás, é também festejada em muitas culturas orientais como o momento em que a iluminação chega ao espírito. (...) [Atravessar estas passagens, estas páscoas], dar início a um processo de mudança interior é testemunho dessa necessidade nem sempre consciente que todos temos de nos «iluminarmos» por dentro, de nos renovarmos de corpo e alma, de nos interrogarmos sobre a nossa missão nesta vida. Mas no nosso percurso aparecem-nos sempre muitas oportunidades de «passagem». Resta-nos ter a coragem de atravessar ou saber arcar com as consequências de não o fazer. Boas páscoas.

1 - RIGORES DO INFARMED...

Depuralina

A Depuralina é um produto natural composto por fibras, probióticos e suplementos alimentares. Não tem contra-indicações, efeitos secundários e cumpre todos os requisitos de controle de qualidade no país de origem. É um suplemento alimentar (não é considerado um medicamento), sendo utilizado como depurativo do organismo, actuando ao nível dos intestinos e desintoxicando o fígado. Ajuda a controlar o excesso de peso, colesterol e açúcar, regulariza a digestão e a obstipação e repõe a flora intestinal.

Por tudo isto e por se ter verificado a sua eficácia real, este produto natural teve grande acolhimento junto do público e atingiu um nível de vendas recorde em Portugal: 165.000 embalagens em 3 meses.

Sempre que tal acontece, o INFARMED não deixa escapar uma oportunidade que seja para contrariar a tendência cada vez maior dos consumidores para aderirem aos produtos naturais em detrimento dos medicamentos farmacêuticos.

A ideia é aproveitar sempre a mínima coisa para descredibilizar os produtos naturais a qualquer custo. E a falta de regulamentação neste sector até é conveniente para deixar o consumidor inseguro e com dúvidas...

Uma vez mais, vemos um organismo público que não é capaz de ser isento nas decisões que toma (ver *INFORMAÇÃO espiral* nºs 206, 208 e 225). Temos verificado, ao longo dos anos, que sempre que um medicamento farmacêutico é retirado do mercado nos Estados Unidos ou em qualquer país da União Europeia por se ter revelado perigoso, o mesmo não acontece de imediato em Portugal.

Interrogado pelos meios de comunicação social, o INFARMED tem afirmado muitas vezes que "não tem razões



←.....
suficientemente válidas para suspender ou retirar o medicamento do mercado", mas acaba por o fazer já muito tarde quando vê que não tem outra solução...

No caso dos produtos naturais, o peso e a medida do INFARMED já são muito diferentes: em 165.000 embalagens de Depuralina, vendidas em 3 meses, representando, no mínimo, um universo de 55.000 utilizadores, surjem 4 casos de reacção alérgica, o que representa, no máximo, uma percentagem de 0,0073 % (!). Mais caricato ainda é que há muitos alimentos que provocam alergias (pães e massas com glúten, morangos, mariscos, etc.) e ninguém se lembraria de suspender a sua venda ou retirá-los do mercado por causa disso...

No caso dos medicamentos farmacêuticos, no entanto, as situações são muitas vezes graves e até mortais, acontecem todos os dias, em percentagens muito mais elevadas e preocupantes, e não apenas com as alergias mas sobretudo pelos efeitos secundários. Apesar da regulamentação existente para este sector, ainda há pouco tempo se constatou que muitos dos ensaios clínicos de medicamentos farmacêuticos são falseados ou ocultam muitos dos seus efeitos prejudiciais.

A diferença estatística entre os casos adversos ou perigosos nos medicamentos farmacêuticos e nos produtos naturais é tão abismal que só uma análise mais profunda nos pode fazer compreender as atitudes de organismos como o INFARMED, ao defender ou branquear a indústria farmacêutica e atacar despropositadamente os produtos naturais.

2 - TOLERÂNCIAS DO INFARMED...

Ensaio para a morte

A notícia saiu no EXPRESSO em Dezembro e ilustra bem como as coisas funcionam no mercado dos fármacos. Um laboratório farmacêutico está a ser responsabilizado pela morte de Felícia Moreira, que participava no ensaio clínico do medicamento Humira. Aparentemente ninguém terá dito à senhora que um dos efeitos secundários poderia ser a morte...

Após esbarrar com um silêncio profundo e a completa ausência de informação, o filho, Fernando Moreira, economista, lá conseguiu reunir elementos que permitiram levar o caso à justiça. O curioso é que o INFARMED, que regula e controla os produtos farmacêuticos, numa primeira instância atribuiu 100% de razão às pretensões do Laboratório Farmacêutico Abbott, nunca tendo sido suspensa a sua venda até hoje (se fosse a Depuralina nem hesitava na condenação...). Só após recurso a entidades europeias, o laboratório mudou as indicações do folheto e os familiares conseguiram dar algum provimento às suas pretensões, responsabilizando um medicamento da multinacional Abbott pela morte da paciente.

É o primeiro processo do género em Portugal: a família de Felícia Moreira, que morreu em Fevereiro de 2004 no Hospital S. João, no Porto, apresentou uma queixa em tribunal contra o laboratório Abbott, alegando que a doente morreu

por ter participado num ensaio clínico, onde estava a ser testado um medicamento daquela farmacêutica.

A família – a quem foi proposta uma indemnização até um milhão de dólares para não ir a tribunal, conforme consta da apólice do seguro feito em nome do laboratório – recusou qualquer acordo.

Felícia sofria de artrite reumatóide e aceitou participar no ensaio onde estava a ser experimentado o Humira – um medicamento que hoje se encontra à venda na Europa e nos EUA e que representa, segundo denuncia a família da doente, um terço do volume de negócios da Abbott.

Depois da morte da mãe e de meses de uma «aprofundada investigação», Fernando Moreira descobriu que a ocorrência de infecções fatais é descrita como uma das possíveis reacções adversas graves do Humira – mas apenas na documentação que acompanha o medicamento nos EUA. «Em Portugal e na Europa, nem a informação constante no ensaio clínico a que se sujeitou a minha mãe, nem depois aquela que veio a integrar a bula do medicamento, quando ele passou a ser comercializado, referem esse risco», diz Fernando.

Por isso, e além da denúncia criminal contra a Abbott e contra o médico que assistiu Felícia durante o ensaio clínico, por alegado homicídio por negligência, a família Moreira avançou também para tribunal contra o INFARMED e a EMEA (as autoridades nacional e europeia de controlo dos medicamentos). Exigem a suspensão da venda daquele medicamento até que o respectivo folheto informativo seja alterado e inclua todos os potenciais riscos – incluindo o da morte por infecção generalizada, ou sépsis, «devidamente classificada como risco e não misturada no meio da descrição de sintomas estranhos», alega o filho da doente.

Conforme consta do relatório da IGS, a FDA (a autoridade norte-americana que controla os medicamentos), já em 2001, e depois de aprovar a comercialização do medicamento da Abbott nos EUA, reforçou o alerta sobre ele e incluiu o aviso para a potencial «ocorrência de sérias infecções e sépsis, incluindo mortes», que teriam sido reportadas com o uso do Humira.

Este reforço foi feito, argumenta a família da doente, antes da EMEA ter aprovado a comercialização do medicamento da Abbott na Europa, em 2003. Mas, dos termos em que a agência europeia aceitou o folheto informativo do Humira, não consta, diz Fernando Moreira, a actualização feita pela FDA nos EUA.

Afirmou ainda ao Expresso que "se os doentes tiverem consciência dos efeitos secundários graves que os medicamentos podem causar, terão uma atitude mais diligente aos primeiros sintomas e, em casos graves, devem accionar as farmacêuticas, se estas esconderem os riscos reais dos medicamentos. A maior vitória neste caso seria conseguir que a EMEA e o INFARMED corrigissem a sua política laxista e obrigassem as farmacêuticas a divulgarem os riscos dos medicamentos, da mesma forma que a FDA faz nos EUA".



Galletes de Curióz

A BOLACHA DELICIOSA,
LEVE, DE FÁCIL DIGESTÃO

ÓPTIMA
PARA MATAR A FOME
SEM ENGORDAR

Quinta dos Linhais - Cortegaça - 2715-018 Pêro Pinheiro – Tel. 21 967 1193 - Fax 21 927 0902 – e-mail: info@providanatural.com - site: www.providanatural.com

PUBLICIDADE

